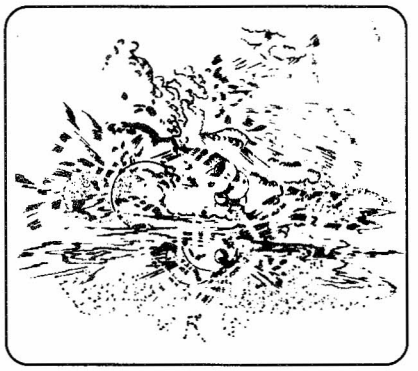
1.
A CRIAÇÃO
O Universo material: nebulosas, sistemas planetários. O Mundo espiritual: hierarquia espiritual.



1. **O PLANO DO ESPÍRITO**

DEUS — O Espírito Universal — cria perpetuamente porque o Espírito nunca repousa. O poder criador é um dos Seus atributos. A criação é mental porque tudo quanto é da esfera divina é imaterial, imponderável, abstrato.

Todas as criações formam ciclos completos.

Como emanação que é da Divindade, o Ser criado possui, potencialmente, possibilidades divinas, que desenvolve no curso da própria evolução.

Tanto da Divindade, como tudo o que se refere à criação na esfera absoluta, escapam ao entendimento humano.

Este é o Plano do Espírito.

2. **O PLANO DA ENERGIA**

A criação divina, sendo perpétua e ininterrupta, exige um campo universal de ação e este campo é o Espaço Infinito.

O Espaço não é um vazio, mas um oceano de fluido primordial, passível de transformações inumeráveis, que contém uma energia potencial, fonte de todos os movimentos e força promotora de todas as mutações.

Este é o Plano da Energia.

3. **O PLANO DA MATÉRIA**

Esse fluido universal transformado concorre à produção de todas as formas e tipos dos seres vivos, das coisas inanimadas e dos mundos que rolam no espaço.

Este é o Plano da Matéria.

4. **O PLANO DA MANIFESTAÇÃO**

O poder criador, atributo de Deus, é transmitido a Conjuntos de Inteligências Divinas e Espíritos puros da esfera crística, agentes da criação.

Esses Espíritos, como receptáculos do poder, passam a exercê-lo na criação universal, como executores da vontade divina, pela ação dinâmica do Verbo. O Verbo em Deus é o poder criador na esfera absoluta, abstrata, o pensamento criador não-exteriorizado; o Verbo fora de Deus é o pensamento transferido, o poder agindo na esfera das manifestações objetivas, no campo das realizações fenomênicas.

Verbo não se traduz simplesmente por **palavra**, mas por **poder realizador**; é a enunciação de uma vontade divina no sentido de que certas coisas sucedam de determinada forma; na esfera mental do plano criativo, Verbo significa projeção de um pensamento, emissão de uma ordem vital que, por si mesma, desencadeia uma sucessão de acontecimentos ou fenômenos no plano objetivo.

Quando João, no seu Evangelho, diz: "No princípio era o Verbo e o Verbo era Deus e o Verbo estava com Deus" (João 1:1) refere-se ao poder criador na esfera abstrata, irrevelada, antes do desencadeamento dos fenômenos criativos, referentes à Terra.

A criação objetiva só pode ser executada por Espíritos individuados, que agem por ordem de Deus, em tarefas determinadas. Porque em Deus nada é individuado, particularizado, objetivado mas, ao contrário, tudo é somático, universalizado, totalizado. Em Deus tudo é eterno, absoluto, integral, completo e infinito, não-sujeito a limitações e mudanças.

Em suma: para uma criação objetiva, limitada, definida, é preciso a ação objetiva de um Ser individuado, dotado dos poderes espirituais necessários a transformar o pensamento divino em coisa visível, concreta, material.

Este é o Plano da Manifestação.

5. **A CRIAÇÃO**

Assim, o Verbo de Deus projeta sua vontade poderosa sobre determinado ponto do Espaço Infinito e aí, nesse oceano de fluido cósmico, a massa começa logo a transmutar-se, passando do estado estático, potencial, ao dinâmico, entrando em movimento; forma-se aí um turbilhão de átomos que passa a girar em torno de si mesmo, manifestando vida, calor e luz. É o princípio das coisas.

Esta ação do Verbo sobre os elementos potenciais criando o movimento, o calor e a luz, corresponde ao **1º Dia da Gênese de Moisés** quando diz: "Haja luz — e houve luz". (Gên. 1:1)

O segundo dia é quando, ao apelo do Verbo, acorrem para aquele ponto os Espíritos superiores, encarregados das construções cósmicas, que passam a regular as alterações vibratórias da massa que, condensando-se, inicia seu movimento giratório em torno de um núcleo central; essa condensação leva a um estado gasoso preliminar e assim se forma UMA NEBULOSA — matriz de mundos — que se destaca, nítida e cheia de claridades, no fundo escuro do oceano de força.

Mas os Espíritos construtores continuam a agir aumentando a condensação da massa nebulosa, acelerando seu movimento em torno do núcleo até o ponto em que o conjunto se parte, projetando fragmentos em muitas direções. Esses fragmentos, assim que se anula a força centrífuga de propulsão, estacam em dado ponto e passam a girar em torno ao núcleo central da nebulosa primitiva, descrevendo órbitas próprias.

Assim, isolados e tornados menores, acelera-se a condensação e giram com velocidades crescentes em torno ao próprio eixo até que, por efeito

dos atritos com a massa fluídica exterior, acabam por incendiar-se.

E então, todo o Espaço em torno à nebulosa se acende em luzes; cada fragmento gasoso é um globo de fogo e o núcleo da nebulosa, por sua vez, também se acende passando a constituir o sol central do conjunto.

Assim é que se formam os sistemas planetários.

Depois, com o correr do tempo, procede-se ao resfriamento da superfície de cada fragmento, em contato com o frio intensíssimo do Espaço exterior, formando uma crosta cada vez mais resistente.

Em torno a esses corpos celestes embrionários os Espíritos construtores formam uma camada fluídica de proteção, limitando com o exterior, e para ali outra classe de Espíritos, os Criadores das formas, transportam os germes de vida de todos os seres que vão evoluir naquele orbe.

Os gases das combustões internas vão subindo por expansão natural mas são detidos na camada de proteção e, em contato com o frio exterior, se condensam e caem de novo, na forma de chuvas, que se espalham pela superfície escaldante, levando consigo tais germes da vida.

Este é o **2º Dia da Gênese**, quando se refere à criação do firmamento e à separação das águas.

As águas caídas na superfície do globo em formação, acrescidas constantemente por novas chuvas torrenciais, vão se unindo, formando mares e as terras vão aparecendo e os germes trazidos pelas chuvas vão germinando nas águas e nas terras, dando surgimento às primeiras plantas.

É o **3º Dia**, quando Moisés se refere à reunião das águas, à criação do elemento árido e ao aparecimento das plantas.

Depois diminuem as combustões internas, a atmosfera clareia e o sol, conseguindo romper as nuvens espessas, aparece, pela primeira vez, iluminando a Terra, enquanto à noite brilham as estrelas e outros astros no firmamento limpo.

É o **4º Dia**, quando a Gênese fala da criação do sol, da lua e das estrelas.

Em seguida, acentuando-se o resfriamento, o calor diminui e as águas e os ares se enchem de seres animais de ordem inferior, cuja vida se torna, então, possível.

É o **5º Dia**, o da criação dos pássaros e dos peixes.

Por último, estabilizam-se, também, as superfícies sólidas, e surgem os animais de terra; e então, quando o cenário ficou pronto e se consolidaram todos os elementos necessários à vida, aparece o homem — o rei da criação.

É o **6º Dia da Gênese**, quando trata da criação dos animais de terra e do aparecimento do homem.

E o **7º Dia**, que Moisés destina ao repouso do Criador, representa a estabilização de todas as coisas e o trabalho humano da evolução.

Assim, a palavra do Verbo, no princípio, desencadeia a ação de todos os agentes da manifestação divina através dos três aspectos fundamentais: espírito, energia e matéria.

Na descrição de Moisés, a criação é simbólica, cada dia representando períodos de tempo, cuja duração desconhecemos, mas que a ciência conta por centenas de milhões de anos.

6. O MUNDO ESPIRITUAL

Os seres vivos, animados por Espíritos que habitam o Espaço ou os corpos celestes, constituem o Mundo Espiritual.

Os espíritos são emanações da Divindade, possuidores de inteligência e sentimento.

Essas centelhas vivas, chispas de luz divina, sempre se apresentam veladas por envoltórios fluídicos, de consistência correspondente ao das esferas vibratórias ou planos em que se manifestam.

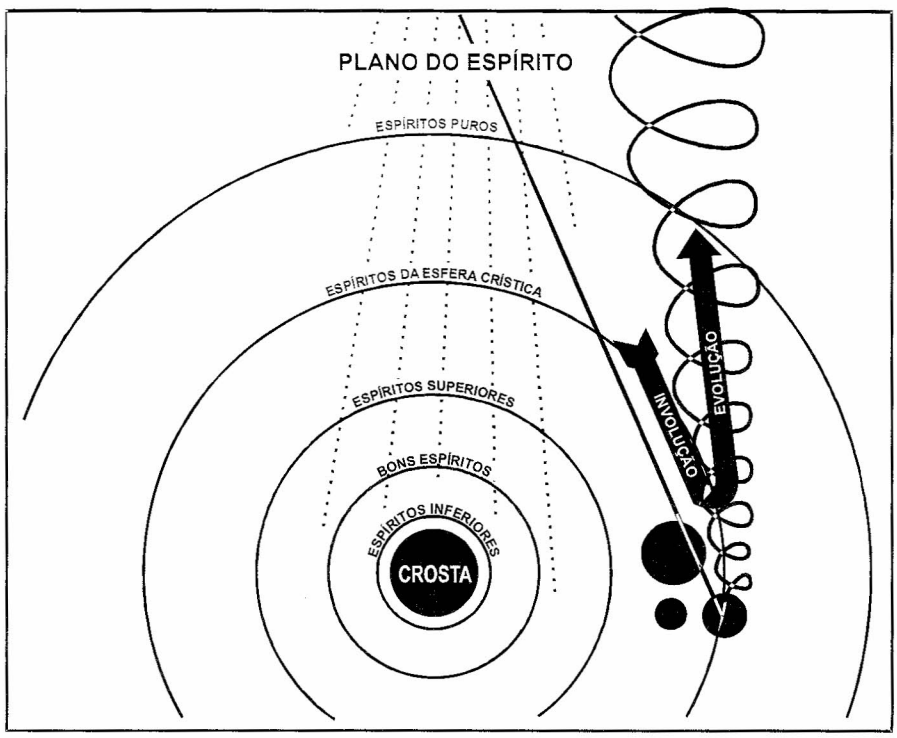
Somente ao atingir o grau humano é que a centelha adquire personalidade, consciência própria e liberdade de ação.

Os seres espirituais residem nos Espaços infinitos e descem a mundos materiais para a realização de provas e experiências purificadoras.

Cada corpo celeste tem sua própria humanidade distribuída, parte na sua superfície, em corpos densos, e parte em corpos fluídicos, no Espaço correspondente.

No que se refere à humanidade terrena ascende ela, mais ou menos, segundo autores, há 20 bilhões de seres, dos quais pouco menos de 4 bilhões acham-se encarnados na superfície (censo dos anos 1970), permanecendo o restante no Espaço correspondente.

Acima e em torno à crosta dos astros, os planos de vida se sucedem mas não se sobrepõem; interpe-



netram-se segundo a densidade vibratória de cada um.

Assim, pois, qualitativamente, a partir da crosta, existem numerosas classes de Espíritos, que se agrupam por afinidade e segundo a natureza das tarefas que executam.

Nessa ordem, temos:

Espíritos Inferiores — Compreendendo os maus, os ignorantes e os sofredores, que habitam as trevas, umbral e a crosta terrestre, encarnados ou desencarnados.

Bons Espíritos — Compreendendo os cooperadores dos trabalhos de assistência, auxílio, socorro e regeneração a necessitados da crosta planetária e do Espaço, bem como os familiares, protetores e guias individuais, que integram a imensa legião dos Guardiães. Os seres de maior hierarquia dessa classe são os comumente designados como Anjos.

Espíritos Superiores — Compreendendo todas as entidades que cooperam na administração do Cosmo: regulam as encarnações; guardam os arquivos da vida dos povos e nações; estabelecem as provações coletivas; cooperam na construção dos mundos e na destruição dos globos apagados, etc. São Espíritos poderosos, de alta hierarquia, que agem com autoridade própria e se qualificam na classe dos Arcanjos.

Espíritos da Esfera Criativa — Os destinados à criação das Formas e dos Tipos de todas as manifestações fenomênicas; Espíritos da esfera crística, criadores de mundos, agindo como Verbos de Deus. Caracterizam-se pela sua essencial natureza e capacidade de amar. Tantas vezes quantas necessárias, sacrificam-se e salvam as humanidades dos mundos que lhes estão debaixo da mise-ricordiosa proteção. Por isso, são chamados Espíritos salvadores, redentores, messias. O Cristo terreno teve sua última manifestação física sob o nome de Jesus de Nazaré, há dois mil anos. E acima destas hierarquias, já tão elevadas, ainda existem outras, que a natureza deste estudo não comporta porque já passam a pertencer à esfera da Divindade Absoluta.

2.
O NOSSO PLANETA
Formação material: aparecimento dos seres vivos e sua evolução até o homem.

1. CONSTITUIÇÃO DO GLOBO

O quadro atualmente mais aceito pelos geofísicos mostra o planeta composto de três esferas concêntricas principais. A Terra não poderia ser inteiramente constituída pelas mesmas rochas que vemos na crosta, pois tal composição não lhe conferiria nem a metade de sua massa conhecida.

Além disso, as pesquisas demonstram que sua densidade aumenta em direção ao centro. Muitos consideram que o núcleo da Terra deve ser uma gigantesca bola de ferro derretido.

Tudo indica que o núcleo é formado por duas partes: uma camada envoltória mais espessa, o núcleo exterior, cujos materiais constituintes se comportam como líquidos — e um núcleo central, ou interior, que se comporta como um sólido. Envolvendo o núcleo de ferro derretido e chegando quase à superfície, está a grande capa intermediária, o chamado "manto". Tentar explicar a composição dessa camada é tarefa conjunta de algumas ciências. Paradoxalmente, o manto parece ser, ao mesmo tempo, rígido e plástico, incandescente onde está em contato com o núcleo e provavelmente ainda vermelho-brasa no restante.

Acima do manto está a delgada crosta terrestre. **Se imaginássemos a Terra como um ovo (esférico), a crosta seria sua casca.**

Essa estrutura de camadas decrescentes, compostas de elementos cada vez mais pesados e temperaturas cada vez mais elevadas, sugere a possibilidade de que a Terra já tenha existido no estado de fusão.

2. TEORIAS SOBRE A ORIGEM DO PLANETA

Por mais que os detalhes difiram, todas as teorias sobre a origem da Terra seguem duas linhas principais de pensamento, ambas de longa tradição. Em 1749, o naturalista francês **Buffon** propôs a hipótese da colisão de um cometa com o Sol, o que teria provocado grandes jatos de gás solar, que posteriormente se condensaram nos planetas.

A essa "teoria da maré" opõe-se a não menos venerável "hipótese nebular" enunciada pelo filósofo alemão **Kant**, em 1755.

De acordo com tal linha de pensamento, o Sol apresentava-se envolvido por uma névoa giratória ou um invólucro de gás e poeira — possível resíduo de uma grande explosão solar. A força centrífuga fez com que a névoa se alargasse no equador e se transformasse numa série de anéis. Posteriormente, estes condensaram-se nos vários corpos do sistema solar.

3. ORIGEM DOS CONTINENTES

Na manhã dos tempos, a Terra recém-formada, era um globo de